

CONSELHO PARA QUEM FÔR AO XV SALÃO

HARRY LAUS

O XV Salão Nacional de Arte Moderna acha-se aberto ao público no primeiro andar do Palácio da Cultura. Sem catálogo e sem cartões de identificação dos artistas, torna-se muitas vezes difícil saber de quem se trata, mormente numa época em que a mutabilidade de estilos passou a ser uma das características dos artistas brasileiros. Quanto ao catálogo, se o prazo de entrega de trabalhos encerrou-se a 10, como poderia ter sido confeccionado em cinco dias para distribuição na data da abertura? Enquanto não houver maior tempo livre entre encerramento e abertura o fato vai-se repetir eternamente.

Paradoxalmente, o maior defeito do Salão foi uma atitude do júri que pretendeu beneficiar os artistas: a benevolência. Com espaço insignificante para dispor racionalmente todos os trabalhos aprovados, resultou o ladrilhamento dos trainéis, uns quadros prejudicando os outros. E essa benevolência também é responsável pelo nível do Salão que seria bem melhor com o corte de muitos trabalhos totalmente inexpressivos, como a maioria dos que se encontram na seção que dá para a Rua da Imprensa. Um dos critérios que o júri deveria ter seguido é o de excluir pura e simplesmente aqueles cujos trabalhos demonstram demasiada relação com outros artistas. Não se trata de mostrar apenas quem sabe pintar; é preciso distinguir também os que têm capacidade de criação pessoal. Há imitadores de Di Cavalcânti, Roberto Magalhães Darel Valença, Antônio Maia, Ivã Serpa e de muitos estrangeiros como Gauguin, Burri, Dorazio, Baj, Paul Van Hoendonck etc.

Há anos que vimos escrevendo sobre a deficiência de iluminação. Fica mais uma vez registrada esta reclamação inútil.

Feitos estes reparos, é preciso que se diga que há muita coisa boa para se ver, inclusive surpresas por parte de artistas até aqui medíocres e limitados. Uma visita cuidadosa ao Salão vai confirmar estas palavras. Mas é preciso paciência porque o labirinto é complicado e o aglomerado pode fazer passar despercebido algo de melhor que o mais gritante.

Logo na entrada estão os trabalhos de Newton de Sá, único concorrente com cenografia. Apresenta-se com uma série de três cenários para o *ballet O Galo de Ouro*, em fotografias; uma montagem ou maquete para o cenário de uma peça de O'Neill e, como obra mais destacada pela montagem, invenção e sentido de contemporaneidade, outro cenário para *ballet* intitulado *Rotina — Dança*.

Este último emprega música, variação luminosa e conjuga as condições do homem moderno sujeito a todos os conflitos existenciais do momento.

Chamam a atenção, pelas dimensões, as esculturas de Lito Cavalcânti. No mesmo campo só se pode falar nas esculturas de Amílcar de Castro, duas grandes e uma tão pequena, solta no chão sem qualquer suporte, que parece um estranho objeto deixado por distraído visitante.

A pintura é mais rica em valores. Antônio Dias está excelentemente representado com três montagens; Almir Gadelha surpreende com quadros de fundo negro e colagens de folhas de alumínio; Vilma Pasqualini muito bem com sua figuração, assim como Píndaro Castelo Branco (outra das surpresas). Antônio Maia, Rubens Gerchman, Vergara são outros nomes a procurar. No terreno da *op* temos trabalhos de grande efeito de Ubi Bava, em preto e branco, valorizados com o emprêgo de tubos de papel e outros de Lothar Charoux, menos importantes porque mais próximos do concrejismo que Ivã Serpa fez em 1954. Resta ainda um destaque nesta primeira apreciação: dois quadros brancos de Humberto Cerqueira. Mas a demasiada semelhança com os trabalhos de Paul Van Hooydonk (objeto de uma crônica nossa de 18 de outubro de 1955, com dois clichês), entra como demérito.

O setor da gravura, como vem acontecendo desde alguns anos, é um dos mais importantes. Sem idéia de desejar fazer uma escala de valores, vamos alinhar alguns nomes cujas obras mais nos impressionaram: Miriam Chiaverini, Roberto Magalhães, Newton Cavalcânti, Assunção Sousa, Marília Rodrigues, Dora Bastião, Ana Bela Geiger, Válder Marques e outros.

Em desenho não se pode deixar de citar em primeiro lugar Farnese de Andrade com três trabalhos de alta categoria, bem como chamar a atenção para um novo: João Carlos Galvão. Uma volta ao Salão permitirá informação mais detalhada sobre esta parte: abordaremos o assunto quando soubermos o resultado da premiação.

Resta outra observação, desta vez sobre os isentos ou os já premiados. Muitas vezes sua participação só faz baixar o nível do certame pela inclusão (obrigatória) de obras totalmente fora do conceito de moderno ou atual. Como não há dispositivo que regule essa participação de modo mais concreto, há casos, como o de duas paisagens datadas de 1953. É o caso de se perguntar se o autor não pinta há 13 anos.

instituto de arte
duplicata